

Educação especial e teatro: práticas pedagógico-teatrais para crianças com e sem deficiência

5

Special education and theater: pedagogical-theatrical practices for children with and without disabilities

Maria Jade Pohl Sanches¹

Resumo

A experiência desenvolvida no curso de Educação Especial/diurno, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), explora o Drama como abordagem metodológica para o ensino do teatro para crianças com e sem deficiência. Os objetivos foram: traçar paralelos entre Arte e Educação e refletir o Drama como metodologia para o ensino do teatro na Educação Especial, adaptando essas práticas, a fim de que todos possam participar. A pesquisa parte da análise de cinco oficinas de Drama realizadas com crianças de duas escolas localizadas em Santa Maria - RS. Essas práticas foram desenvolvidas por meio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) e tiveram como colaboradores acadêmicos do curso de Educação Especial da UFSM. O referencial teórico traz autores como Pereira (2015) e Cabral (2006), que abordam diferentes convenções do Drama, além de Berselli (2017) que trata do tema diversidade e deficiências a partir de práticas teatrais. Espera-se, com a reflexão sobre as práticas, ampliar a visão dos professores, tanto da academia quanto das escolas, assim como dos acadêmicos do curso de Educação Especial, sobre uma prática diferenciada para ensinar/fazer teatro para/com crianças com e sem deficiência, trabalhando com os conteúdos curriculares ou até mesmo explorando temas, como inclusão, diversidade, deficiência, convivência e empatia, a partir de práticas teatrais.

Palavras-chave: Educação Especial. Drama. Diversidades. PIBID. Pedagogia do Teatro.

¹ Licenciada no curso de Teatro Licenciatura da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) (2015 - 2018). Graduada no curso de Pedagogia - Licenciatura Plena da Universidade Metodista de São Paulo (UMESP) (2019 - 2020). Graduanda do 6 semestre do curso de Educação Especial Diurno - Licenciatura Plena na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) (2019 - Atual). Graduanda no curso de Letras - Português e Letras Inglês na Estácio de Sá (RJ) (2021 - Atual). Pós - Graduanda em Psicopedagogia Clínica e Institucional na Universidade Franciscana (UFN) (2021 - Atual). Pós - Graduanda em Administração, Orientação e Supervisão Escolar no Instituto Brasileiro de Formação (UNIBF) (2021 - 2022). Pós Graduanda em Letras e Libras na Faculdade de Venda Nova do Imigrante (FAVENI) (2021 - Atual).

Abstract

The experience developed in the Special/diurne Education course at the Federal University of Santa Maria (UFSM), explores Drama as a methodological approach for the teaching of theatre to children with and without disabilities. The objectives were: to draw parallels between Art and Education and to reflect Drama as a methodology for the teaching of theater in Special Education, adapting these practices so that everyone can participate. The research starts from the analysis of five Drama workshops held with children from two schools located in Santa Maria - RS. These practices were developed through the PIBID (Institutional Program of Scholarships for Initiation to Teaching) and had as academic collaborators of the Special Education course of UFSM. The theoretical reference brings authors such as Pereira (2015) and Cabral (2006), who approach different conventions of Drama, in addition to Berselli (2017) who deals with diversity and deficiencies from theatrical practices. It is expected, with the reflection on practices, to broaden the vision of teachers, both from the academy and schools, as well as academics from the Special Education course, about a differentiated practice to teach/do theater for/with and without children with disabilities, working with curricular contents or even exploring themes, such as inclusion, diversity, disability, coexistence and empathy, from theatrical practices.

Keywords: Special Education. Drama. Diversities. PIBID. Theatre Pedagogy.

Heróis! Sejam bem vindos!

O presente artigo parte do Projeto de oficina teatral contemplado pelo Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) dos cursos de Educação Especial, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Os objetivos foram: refletir o Drama como metodologia para o ensino do teatro na Educação Especial, adaptando essas práticas, a fim de que todos pudessem participar e traçar paralelos entre Arte e Educação.

Como material de análise, exploramos cinco oficinas de Drama desenvolvido com crianças do 1º ao 5º ano de duas escolas localizada na cidade de Santa Maria (Rio Grande do Sul).

O Drama é uma abordagem metodológica para experimentação e ensino teatrais que tem se difundido no Brasil nos últimos anos, principalmente por meio dos trabalhos realizados pela

teórica Beatriz Cabral. Vemos a importância da exploração do Drama nessa prática teatral proposta na escola, com crianças com e sem deficiência, por se tratar de uma abordagem que promove a imersão das crianças em contextos ficcionais, sua expressividade corporal e motricidade, suas potencialidades criativas, ampliando sua capacidade de jogo e podendo ser trabalhados assuntos dos quais os estudantes têm maior necessidade de apoio.

Para fundamentar as reflexões ora apresentadas e para subsidiar os estudos, utilizei das referências adotadas no desenvolvimento do Projeto, tais como: Cabral (2006) e Pereira (2015), os quais abordam diferentes convenções e estratégias para a proposição e desenvolvimento de processos de Drama. Além de Berselli (2017) que trata do tema diversidade e deficiências a partir de práticas teatrais.

Em um segundo momento, discorreremos sobre os objetivos do estudo e em seguida falaremos da oficina “Resgatando a princesa perdida”, Drama inspirado no filme “Os Vingadores” da editora Marvel Comics. Ao longo da exposição, refletiremos sobre as estratégias utilizadas e suas reverberações nas ações propostas pelas crianças.

Por fim, apresentaremos o paralelo entre Arte e Educação, no qual, somos levados a compreender que o modo de ensino-aprendizagem do teatro proposto pelo Drama, sugere uma experimentação diferenciada que escapa de um padrão didático pré-estabelecido de fazer teatro. Esse diferencial é defendido como a instauração de um estado em que o estudante, tendo ele deficiência ou não, aprende e cria de modo divertido, participativo e lúdico.

A arte e seus significados nos levam a discutir sobre o Teatro e suas possibilidades na Educação Especial, sendo imprescindível que em várias ocasiões a metodologia de ensino e aprendizagem, em ambas, seja contextualizada no tempo e no espaço, havendo possibilidade do trabalho em parceria com o ensino regular. Essa cumplicidade entre a Educação Especial e o Teatro é de extrema importância para a comunidade escolar, é necessário ressaltar que o teatro na escola auxilia no desenvolvimento global, cognitivo, psicomotor, afetivo dos estudantes, diferente do que muitas vezes é visto, como entretenimento ou “pecinhas” para festinhas realizadas na escola.

Resgatando a princesa perdida e seus objetivos

O objetivo da proposta inicial foi desenvolver oficinas de Drama com crianças de nove a dez anos e de doze a quatorze anos, em espaços das Séries Iniciais do Ensino Fundamental, em duas escolas públicas na cidade de Santa Maria (RS). Com a colaboração das estudantes do curso de Educação Especial da UFSM que assumiram papéis de personagens nas práticas teatrais.

As oficinas foram inspiradas no filme Vingadores da “Marvel”, os estudantes como “heróis” recebem a missão de salvar uma princesa capturada por um gigante, mas, para resgatá-la, precisarão vencê-lo em pequenos desafios. Os heróis são incentivados a trabalhar com os conteúdos curriculares, expressões corporais e motricidade. É explorado também o tema Inclusão, pois, o gigante aparece a eles, com várias particularidades dentre elas: não enxergar, não ouvir e não compreender bem as propostas.

Então além de vencê-lo, deverão ajudá-lo a entender os desafios propostos. Nessa prática é esperado que o aluno ao ensinar, possa também aprender e compreender melhor as atividades. E, também, se colocar no lugar do outro, ter paciência, empatia e entender que é natural que exista dificuldade e que é possível superá-la juntos, mesmo em suas diferenças. Nesse sentido é explorado a diversidade e deficiências a partir de práticas teatrais.

Vencendo o gigante

A primeira turma a ser realizada a oficina, foi a do quarto ano do Ensino Fundamental, com 20 estudantes, entre nove e 10 anos, destes, três com dificuldades de aprendizagem, ou seja, dificuldades na alfabetização (leitura e escrita) e no raciocínio lógico matemático. Primeiramente as personagens da oficina apresentaram-se aos estudantes como heroínas, e chamaram-nos para se tornarem heróis por um dia. As crianças se mostraram animadas e

curiosas com a proposta, cada uma escolheu um figurino (que estavam postos sob uma mesa), e um crachá, onde escreveriam seu nome fictício e heroico. Quando pensamos que iria demorar, os participantes entraram “de cabeça” no processo: criaram personagens, narrativas, vivenciaram seus papéis, mostraram seus poderes e sem notar, tornaram-se verdadeiros heróis. Como afirmam Cabral e Pereira (2017):

As interações entre Drama e Jogo Teatral representam a associação ideal entre contextos real e ficcional e propõem participações diferenciadas dos alunos. O jogo abre espaço para o ‘colocar-se’. O Drama agrega as diferenças oferecendo suporte às opiniões antagônicas com base nas suas representações de sujeitos sociais distintos, questão essencial ao teatro (CABRAL; PEREIRA, 2017, p. 293).

A partir de um simples crachá, que deveria conter o nome do herói, as crianças contaram as histórias dos seus personagens, destacando habilidades, possibilidades e sequência lógica. Em seguida, as ajudantes heroínas, apresentaram o gigante e a princesa capturada, explicaram sobre algumas dificuldades que o gigante apresentava como em enxergar, em ouvir e em compreender ordens e frases compostas. Disseram que as crianças deveriam ter muita paciência com o adversário. As crianças receberam bem os personagens, parecendo realmente acreditar em tudo que estava acontecendo. Engajados no jogo, se mostraram aptos e prontos para resgatar a princesa. Uma das auxiliares então, iniciou o jogo, de um lado estavam as crianças/heróis e do outro estavam o Gigante e a Princesa Capturada.

Cada desafio foi acompanhado pelos estudantes de modo atento, sem necessitar do auxílio das professoras presentes, conversaram em grupo, se organizaram e ajudaram o adversário a entender as atividades. Sobre a necessidade das crianças de aprenderem a conviver em grupo, tanto na situação ficcional do Drama quanto no estado de recreio/presença, Ryngaert (2009) aponta:

A verdadeira escuta exige estar totalmente receptivo ao outro, mesmo quando não se olha para ele. Essa qualidade não se aplica somente ao teatro, mas é essencial ao jogo, uma vez que assegura a veracidade da retomada e do encadeamento (RYNGAERT, 2009, p. 56).

Essa receptividade de grupo, a escuta, o olhar para o outro, resultou em uma oficina participativa e produtiva, as crianças se desafiaram, e souberam enfrentar os desafios como, perguntas sobre gramática, matemática e até mesmo motricidade e expressão corporal.

A segunda oficina foi realizada na mesma escola, com a turma do quinto ano do Ensino Fundamental, 18 estudantes, entre 10 e 11 anos, destes dois possuem transtornos de aprendizagem, ou seja, disfunções neurológicas que dificultam o processo de aprender. Utilizamos a mesma proposta da oficina anteriormente detalhada. No início os estudantes pareceram demorar mais para engajar no jogo fictício, porém ao adentrarem no jogo, notamos as relações que estabeleceram entre seus personagens “heróis” com suas personalidades em seus contextos atuais. Esse fato pareceu dialogar com o que afirma Freitas (2012):

[...] os contextos ficcionais são criados e mantidos através da improvisação e permitem o cruzamento do contexto real dos participantes com o contexto imaginário no qual se colocam e não é raro utilizarem suas experiências reais como resposta a desafios experimentais no contexto de ficção. Ao explorar as ligações pessoais para temas e questões que surgem nestes contextos, podemos dizer que os participantes trabalham com as questões relativas à memória, seja individual (de sua vivência) e/ou coletiva (FREITAS, 2012, p. 28).

O incrível foi perceber que até mesmo os poderes apresentados tinham tudo a ver com suas personalidades demonstradas no dia a dia, como foi avaliado pelas professoras presentes na oficina. A interação entre os heróis e o Gigante, foi ainda mais intensa que a oficina anterior, seguravam a mão do gigante, trataram-no com carinho, pareciam mesmo estar se colocando no lugar do adversário. Notamos a importância de tratar temas com respeito e diversidade na escola, como apontam Horn e Pereira (2017): [...] no terreno da escola, essa reflexão se faz ainda mais urgente, tendo em vista que é um dos primeiros ambientes comunitários nos quais as crianças são inseridas e nos quais valores como o respeito à diversidade necessitam ser cultivados (HORN; PEREIRA, 2017, p. 22).

É nesse contexto, que vemos a importância de se trabalhar com o Drama como ensino de teatro para as crianças, pois por meio dele, os participantes vivenciam diferentes papéis e podem olhar de modo diferenciado para as situações trazidas pelo mediador e que podem ter um paralelo com a realidade das crianças, desse modo aprendem a respeitar as questões da vida de cada sujeito.

A terceira oficina foi realizada com a turma do primeiro ano do Ensino Fundamental, uma sala com 17 crianças de seis e sete anos, três crianças com dislexia. No primeiro momento notamos dificuldades na atenção e concentração das crianças, tudo era novo e curioso, brigavam pelos figurinos, queriam trocar os nomes entre eles. Esse fato, pode ser atribuído, a faixa etária desse grupo. Apesar das brigas iniciais, ficou evidente a união deles, o trabalho em equipe, a escuta, o respeito, a solidariedade, a imaginação e uma sensibilidade artística ao experimentar o estado de recreio, que lembrou as palavras de Ceccim e Palombini (2009):

Essa sensibilidade artista é como a sensibilidade infantil, pura abertura. É das crianças a invenção e a criatividade ou a facilidade de enveredar pelos estranhos e insólitos universos do jogo, do desenho e dos brinquedos. O imaginário-criança é o das afecções sensíveis, dos acoplamentos cognitivos, da invenção de linguagens para descobertas vividas. Um imaginário-criança não busca o verdadeiro, experimenta. Não analisa logicamente, deixa-se afetar. Não se prende a identidades e limites, embarca na expansão (CECCIM; PALOMBINI, 2009, p. 302).

Nesse “fazer teatro” de forma inigualável, construímos uma cidade heroica de experiências, trocamos saberes, nos deixamos afetar e aprendemos uns com os outros a estarmos disponíveis para o jogo. Mas, a imaginação e engajamento foi tanto que começaram a brigar novamente, incluindo agressões físicas. Demorou bastante até conseguirmos acalmá-los, sem sairmos dos personagens. Após muito debater, tratá-los com carinho e atenção, com solidariedade e respeito, fizeram as pazes e se sentiram bem com essa reconciliação. Podemos relacionar com as palavras de Lassale (1999):

O teatro não é feito para nos reconciliar com um mundo que vai mal, mas para reconciliar nós mesmos nesse mundo com aquilo que passamos nosso tempo a ignorar solenemente: o instante, naquilo que ele tem de único e que não sabemos viver como tal; uma relação com objetos, sensações, com a plenitude das presenças quer elas passem pela palavra, quer pelo silêncio (LASSALE apud DESGRANGES, 2006, p. 11).

Esse momento, fez-nos ver o quão transformador pode ser o teatro. Mesmos com os momentos de tensão, ao se colocar no lugar dos personagens e com seus poderes, as crianças puderam aprender a se relacionar de modo diferente, a fazer as pazes, a compreender que apesar de seu contexto atual ser vulnerável, é possível transformá-lo a partir da arte.

A quarta oficina foi realizada na mesma escola, com a turma do segundo ano, uma turma com 19 crianças, entre sete e oito anos, dentre elas três com transtornos de aprendizagem e uma com autismo. Emocionadas com a prática teatral anterior, percebemos que adentramos a oficina com o máximo de atenção e, também, receosas. Esse fato fez com que, tanto nós, professoras personagens e mediadoras, como as crianças, demorássemos a engajar no jogo. Essa observação vai ao encontro com o que afirma Pereira (2015):

[...] a importância da mediação realizada pelos condutores dos processos, que, em sua maioria, vivenciaram papéis e personagens, na busca por uma construção mais orgânica da experiência dramática. Ao desafiarem-se como artistas-professores, apropriaram-se desse aspecto da linguagem teatral, servindo de referência e suporte para que as crianças desejassem também experimentar e viver diferentes papéis (PEREIRA, 2015, p. 238).

Ao notar o que estava acontecendo, invertemos o jogo e conseguimos mediar a imersão das crianças. E realmente colocamos em prática o que disse Pereira (2015) sobre os artistas-professores. Cada vez que brincávamos, as crianças brincavam junto, percebemos a importância da mediação do professor, que não age apenas como educador, mas como cúmplice do jogo.

As crianças, cansadas do cotidiano, procuram coisas diferentes e, é aí, que entra o papel de um professor com linguagem específica: oferecer outro caminho em vez de seguir o padrão. Nesse dia percebemos, realmente, a importância do jogo teatral com crianças, como diz Pupo (2010):

A ludicidade, a capacidade de transformar, de fazer um objeto virar uma bandeja onde eu sirvo um belo coquetel, constituem situações de puro jogo, ou se quisermos de puro teatro. Nosso desafio [do professor(a)] é trabalhar com metodologias, processos, procedimentos que tragam à tona essa dimensão de transformação, de metáfora que o jogo acarreta, e que configuram o essencial do teatro desde que o mundo é mundo (PUPO, 2010, p. 15).

Realmente, a vida de professor não é “um mar de rosas”. Existem vários desafios, ainda mais se tratando de crianças que não escondem suas frustrações, que enfrentam os professores mostrando o quanto estão amando ou odiando, que vivem em uma realidade de vulnerabilidade social. É papel dos mediadores instigar a entrar no jogo embarcando junto e, para isso, é necessário sensibilidade, atenção, escuta e empatia.

A quinta e última oficina, foi realizada na mesma escola com a turma do terceiro ano do Ensino Fundamental, com 18 crianças, entre oito e nove anos, dentre elas duas com dislexia. Para as crianças, assim como para todos os participantes (afirmamos isso a partir de nossas experiências como mediadoras de processos) o Drama mostrou-se uma experiência enriquecedora. Como afirma Murray (2006):

A experiência de ser transportado a um local simulado, com tamanha precisão, é prazerosa em si, independente do conteúdo de sua fantasia. A esta experiência chamamos ‘imersão’, uma metáfora derivada da experiência física de submergir na água e ficar envolvido por uma realidade completamente diferente (MURRAY apud CABRAL, 2006, p. 27).

Nessa última oficina, ficou evidente, apesar da resistência, a imersão das crianças que, no início, recusaram-se a compreender a situação ficcional e a professora como personagem, insistindo em nos chamar de professoras, mas, ao entender a proposta do jogo, foram adentrando no universo ficcional e aceitando as convenções propostas.

Nosso olhar como mediadoras das oficinas, também, mudou. Ficou evidente o envolvimento das crianças com o “Gigante”, dizendo para ele que gostariam de ensiná-lo e convidando-o a estudar na mesma escola.

Aprendemos muito com as crianças: o modo sincero como olham as coisas e mostram quando estão ou não acreditando na proposta. Sabendo ouvi-las e prestando atenção nelas conseguimos, então, conduzi-las nesse contexto ficcional heroico. Os estudantes sentiram-se, também, como heróis exploradores e aventureiros e, juntos, embarcamos nessa aventura colorida.

Na perspectiva da educação inclusiva, fez-se possível para que os estudantes, tendo eles deficiência ou não, necessidades especiais (NEE) ou não, explorassem a partir do teatro, SCIAS.Arte/Educação, Belo Horizonte, v.11, n.1, p.5-17, jan./jun. 2022

possibilidades de uma escuta mais crítica, um novo modo de olhar para a arte, assim como um novo olhar para si e para o outro.

Considerando a arte na educação especial, o Teatro a partir do Drama, possibilitou aos estudantes exercitar sua autonomia, sua capacidade de jogo, expressão corporal e motricidade. É possível, um novo tipo de Atendimento Educacional Especializado a partir dessa parceria entre Educação Especial e o Teatro.

Parabéns heróis! Vocês conseguiram!

Primeiramente as oficinas desenvolvidas nas escolas, foram experiências enriquecedoras, e nos fizeram questionar a relação à Arte e a Educação.

Nessa experiência, deparamo-nos com a arte de ensinar, essa arte começa com a escuta e a coletividade, com o olhar da criança, sua espontaneidade, sua poética e sua entrega ao que é proposto.

Disponíveis ao jogo lúdico, contribuíram com a construção de um teatro que prioriza a presença criativa da criança e seu processo, que busca desconstruir barreiras para construir pontes e que respeita à vontade, o desejo e o tempo da criança, entrando em sintonia com/entre elas estabelecidas

Diante dessas experiências, parece-nos que discutir sobre a aprendizagem teatral das crianças em nosso contexto é essencial, principalmente pelos temas que estão emergindo mundialmente e sendo discutidos no ambiente escolar. Inicialmente nosso foco eram temas, como inclusão, diversidade, deficiência, convivência e empatia, mas houve necessidade de ampliarmos nossas reflexões, pois surgiram temas como violência, direitos humanos, preconceitos, educação ambiental, gênero, identidade sexual, relações étnico-raciais, entre outros assuntos que nos fizeram afirmar “Isso é nosso mundo real!” E questionar: “E a criança no meio disso?”, “Como assimila questões tão complexas?”.

Aprendemos muito sobre diversidade, que é possível ser explorada a partir da ludicidade que o teatro propõe, levando a criança a perceber e valorizar as diferenças existentes na escola e, por generalização, na sociedade.

Ao pensarmos nas práticas realizadas com as crianças de Ensino Fundamental, percebemos a necessidade de tratar tais assuntos, visto que é na infância que começam as inquietações, as perguntas e, se não bem respondidas, alicerçam preconceitos como: gordofobia, estereótipos de gênero, identidade sexual, racismo, homofobia, transfobia, desrespeito às deficiências, questões de violência física e/ou bullying, entre outros.

Percebemos o quão fundamental é abordar esses assuntos em sala de aula, tendo em vista que é o lugar em que as crianças ficam a maior parte do tempo e convivem, frequentemente, com suas diferenças.

Nesse contexto, surgem novas inquietações: “A escola está preparada para discutir tais temas?”, “Qual o papel da escola diante dessa realidade?” Segundo Silva (1996):

A escola e, em particular, a sala de aula, é um lugar privilegiado para se promover a cultura de reconhecimento da pluralidade das identidades e dos comportamentos relativos às diferenças. Daí a importância de se discutir a educação escolar a partir de uma perspectiva crítica e problematizadora, questionar relações de poder, hierarquias sociais opressivas e processos de subalternização ou de exclusão, que as concepções curriculares e as rotinas escolares tendem a preservar (SILVA, 1996, p. 2000).

Percebemos que o papel da arte na educação, não é somente dialogar sobre a diversidade de modo expositivo. Possivelmente, apenas oralmente a criança não compreenda, mas vivenciando o lugar do outro, em um contexto ficcional, como o teatro propõe, as crianças deparam-se com a heterogeneidade das relações aprendendo a respeitar as diferenças e harmoniosamente conviver.

Assim, a partir dessa experiência, além de possibilitar o estado de jogo das crianças, fez-se possível a convivência e compreensão da diversidade existentes tanto no espaço escolar como fora dele. É essa docência de professora-artista que luta a favor da diversidade que acreditamos. A experiência que o Teatro e a Educação Especial reverberam nos estudantes é

rica, pois auxilia nos conceitos sociais, físicos e psíquicos, interagindo com as pessoas e, com o mundo, isso é imprescindível para eles.

Esse artigo, buscou provocar discussões e dar prosseguimento a essa transversalidade, com o objetivo de tornar o teatro uma linguagem de ensino-aprendizagem nas escolas, também, com mediação dos professores de Educação Especial.

Esperamos, com a reflexão sobre as práticas desenvolvidas, ampliar a visão dos professores, tanto da academia quanto das escolas, assim como dos graduandos do curso de Educação Especial sobre diversos modos de ensinar/fazer teatro para crianças de modo diferenciado, fugindo, por exemplo, da busca por um produto artístico final. Buscamos, também, reafirmar a importância de tratar de temas complexos como deficiência e inclusão no ambiente escolar e com os profissionais da educação.

Referências

CABRAL, B. **Drama como método de ensino**. 2. Ed. São Paulo: Hucitec, p. 127, 2006.

CABRAL, B.; PEREIRA, D. D. **O espaço de jogo no Contexto do Drama**. Urdimento (UDESC), Florianópolis, v.01, n.28, p. 285-301, julho 2017.

CECCIM, Ricardo Burg; PALOMBINI, Analice de Lima. **Imagens da infância**: devir-criança e uma formulação á educação do cuidado. *Psicologia & Sociedade*, (UFRGS) vol.03, n.21, p. 312, 2009.

DESGRANGES, Flávio. **Pedagogia do Teatro**: provocação e dialogismo. São Paulo: Editora Hucitec, 2011.

FREITAS, T. de. **Ambiente e práticas de drama**: experiência e imersão. Dissertação. (Mestrado em Teatro). Universidade Estadual de Santa Catarina, Florianópolis, 152 p. 2012.

HORN, Luiz Henrique Casett; PEREIRA, D de M. **“Papéis” de gênero, homossexualidade e escola:** possíveis diálogos entre educação e estudos de gênero. Revista Sociais e Humanas. UFSM, v. 30, n. 02, 2017.

PEREIRA, D de M. **Drama na educação infantil:** Experimentos teatrais com crianças de 02 a 06 anos. 2015. 249 f. Tese (Doutorado em Programa de Pós-Graduação em Teatro- PPGT)- UDESC. Florianópolis, 2015.

PUPO, Maria Lúcia. **Teatro na escola:** experiências e olhares. Teatro e Educação Formal. Brasília: Fundação Athos Bulcão, 2010.

RYNGAERT, Jean- Pierre. **Jogar, representar.** Práticas dramáticas e formação. Trad. Cássia R. da Silveira. São Paulo: Cosac & Naify, 2009.

SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identities terminais:** as transformações na política da pedagogia e na pedagogia da política. Petrópolis: Vozes, 1996.

ULTIMATE FALLOUT. #4 Marvel Comics, nº4, agosto de 2001.